

Cocktail de liberdade

Para fazer o *cocktail* de liberdade, devem usar-se vários ingredientes. Muitos ingredientes. Todos os ingredientes que for possível: morenos e loiros, escuros e claros, olhos azuis, olhos rasgados, cegos e visionários, mulheres, homens, raparigas e rapazes, raparigas com raparigas, rapazes com rapazes... e tudo à vontade, desde que seja de *boa* vontade. Em seguida, junta-se-lhes um longo fio de tolerância e tiram-se-lhe os espinhos: o medo da diferença, a arrogância do forte, a mania de pensar os indivíduos como sendo feitos pelo e para o colectivo, em vez de considerar o colectivo como sendo feito pelos e para os indivíduos. Agita-se bem, mistura-se até que fique bem misturado, até que à superfície se formem as bolhas do respeito e os rebentos do amor. Pode juntar-se-lhe depois uma rameira, digo, um raminho de doce fragrância e já está. Toca a beber, que a vida são dois dias.

Os intelectuais e a *afición*

Depois do ultimamente muito comentado dos inocentes*, o silêncio que mais deu que falar foi o dos intelectuais. Assim

* Referência ao livro e ao filme «O Silêncio dos Inocentes». (N. T.)

o comprova Norberto Bobbio, na primeira página de *Il dubio e la scelta* (A dúvida e a escolha), livro em que reúne os seus trabalhos, publicados ao longo de quarenta anos, sobre os intelectuais e o poder na sociedade contemporânea: *Il tema del silenzio degl'intellettuali è vecchio e ricorrente*. Mas também a obsessão sexual é velha e recorrente, sem que por isso tenha perdido um ápice do seu turvo e clamoroso poder de atracção. Nada há, por isso, de estranho, que redescobrir o silêncio dos intelectuais, para o denunciar ou deplorar com doloroso assombro, seja um dos tópicos mais aplaudidos dos pregadores mediáticos: diria que é o que tem mais êxito, depois, naturalmente, da crise de valores. Tendo em conta que o sufoco estival não aconselha a congestionar demasiado as meninges, permitam-me que dê a minha opinião. Dou como certo que os intelectuais guardam (guardamos?) silêncio, uma vez que tanta gente boa o assegura e é inverosímil que um erro ou uma estupidez mereçam uma quase unânime adesão. As perguntas pertinentes são, então, as seguintes: quem lamenta o silêncio dos intelectuais? Por que se calam estes? Que aconteceria se se decidissem a falar? Tentarei responder a interrogações tão cruciais. Que a força (pública) me acompanhe.

Este comentado mutismo é censurado por um amplo grupo de cidadãos que configuram aquilo a que poderíamos chamar o grupo de aficionados dos intelectuais. Os seus membros são recrutados, espero não os surpreender, entre os próprios intelectuais. Ou seja, trata-se de uma *afición* mais parecida com a taurina (que se nutre da própria gente dos touros, dos que foram e deixaram de ser, dos que quiseram ser e não puderam) do que com a que anima o futebol ou o ciclismo. Claro que «intelectual» é uma categoria tão ampla que não é difícil pertencer mais ou menos a ela: acho que difícil é o contrário. Como toda a *afición*, a dos intelectuais é volúvel e difícil de contentar, mas apaixonada. Na sua obra, Bobbio aponta al-

gumas oscilações notáveis na atitude de reprovação: os intelectuais estão sempre contra, para se fazerem notar, mas também são execráveis pelo seu dócil conformismo; pontificam sobre o divino e o humano, para ocupar as páginas dos jornais ou os espaços televisivos, mas, ao mesmo tempo, encerram-se na sua desdenhosa torre de marfim, esquecendo as inquietações quotidianas; procuram contentar todos e não incomodar nunca ninguém, embora também vociferem inoportunamente para armar em *enfants terribles*; fogem do compromisso político ou, o que ainda é pior, filiam-se desavergonhadamente num partido... etc. Se comem são uns glutões, se jejuam, estão possuídos pelo Demónio. Consolemos-nos por ver que a mesma cacofonia rodeia Induráin: se fica em terceiro na Volta a Itália, está acabado, eu bem te dizia; se arrasa, na primeira etapa contra-relógio da Volta a França, o Tour já acabou e isto assim é um aborrecimento. *A afición* — formada maioritariamente, não o esqueçamos, por intelectuais, parentes e aspirantes — fala sempre dos intelectuais como de um colectivo homogéneo. Em vão admoesta Bobbio: «Nas democracias modernas, que são sociedades pluralistas, o poder ideológico está fragmentado, exercita-se nas mais diversas direcções, mesmo em forte divergência entre elas. Qualquer juízo global sobre os intelectuais é sempre inadequado, desviado, além de objectivamente falso.»

Porquê esse silêncio? Sem dúvida, o tacanho interesse: as prebendas. O sistema estabelecido, que é o beneficiário do silêncio (por definição «falar» equivale a «criticar ou protestar») recompensa generosamente os silenciosos. Alguma vez ouviram dizer que um intelectual palrador e antigovernamental ganhou um prémio nacional, foi convidado para uma viagem por conta do Ministério da Cultura (digamos, por exemplo, ao Brasil), pronunciou uma conferência num curso de verão (ou viram um curso de verão dedicado a conferências sobre ele), foi prémio Príncipe de Astúrias, apareceu em es-

paços na televisão ou na rádio, teve acesso a colunas na imprensa, recebeu convites economicamente suculentos como conferencista de municípios, de caixas económicas, etc.? Nunca por nunca: o intelectual indomável é conhecido por andar vestido de burel e com a testa coberta de cinza ou de espinhos. E se por acaso isso não acontece, se goza de mais ou menos os mesmos benefícios dos vilmente obsequiosos, a situação também não é a mesma. A ele «não têm outro remédio senão dar-lhe os prémios», enquanto aos outros «lhos oferecem»; aproveita o convite para o curso de verão para denunciar esses mesmos cursos, coisa que ninguém mais se atreve a fazer; permanece injustamente marginalizado, embora catorze professores falem da sua obra, e descontente, porque nunca falta uma instância oficial que não lhe tenha rendido suficiente homenagem. Para o crispado envaidecimento do excelso ou do mártir profissional, tudo o que um colega recebe é privilégio; o que lhe dão a ele, não passa de mesquinha ou tardia recompensa do mérito, diminuída pelas represálias contra a sua insubornável independência.

Como vivemos num país de funcionários e de opositores, a *afición* intelectual também só pensa no quadro de promoções. O que sobe é sempre por recomendação: mas há-de chegar a hora dos meus! O posto que ocupa o «instalado na mafia cultural» tira-mo precisamente a mim, que não tenho padrinhos. Etc. Como parece que se avizinha uma mudança política, já se fazem apostas sobre quem serão os novos prebendados e quantos mudarão de casaca. Alguns esperam que um terremoto governamental consiga que as pessoas leiam mais os seus livros ou vejam mais os seus filmes, cujo fracasso anterior se deveu à corrupção socialista. Acerbos denunciantes das insuficiências da nossa modernidade (a mais patente das quais consiste em não celebrar devidamente as suas obras) profetizam «um discurso intelectual novo, responsável e à altura das profundas fendas que se abrem no nosso solo políti-

co e social» (aliás, Subirats*, não é muito pedir que um discurso esteja à altura do solo: és capaz de consegui-lo!). Lembrem aqueles de quem troçava o Sade de Peter Weiss, que esperavam da revolução mais pesca, um marido melhor ou talento poético, e, quando viram que continuavam a tirar do rio botas velhas, a dormir com um gordo pestilento ou a escrever palavras ocas apenas para rimar, culpavam a revolução pelo facto de os decepcionar. Prevejo à distância uma decepção semelhante, depois de os bons ganharem. Para a prevenir, e sem intenção de desanimar ninguém, recordo-lhes o que, na velha anedota de Mingote, o velho enlutado dizia à beata inquieta por causa do clima pós-concílio: «Pode haver todas as mudanças que quiser, mas para o céu, para o que se chama céu, continuaremos a ir os mesmos de sempre.»

E se os intelectuais se decidissem finalmente a falar? Não sou demasiado optimista em relação aos resultados. Em primeiro lugar, por razões históricas: a interessante crónica de Andrés Trapiello sobre as disputas dos intelectuais durante a guerra civil espanhola (*Las armas y las letras*, Planeta) causa algum alarme sobre a capacidade de análise e raciocínio de alguns mestres venerados que souberam ser, primeiro, inoportunos e, depois, oportunistas. Além disso, e se, quando falam, os intelectuais não dissessem o que deles espera a *afición* que os espicaça? Seriam ferozmente repreendidos, como foi Muñoz Molina pelos seus dois estupendos artigos (ainda melhor o segundo) com base no caso Beuys. Por outro lado, alguém os ouviria? Ouvir um intelectual não significa filiá-lo nos do sim ou nos do não, nos do pró ou nos do contra, mas sim registar as suas razões, ainda que seja para não as partilhar. Será que interessa tanto esforço? Pouco antes das eleições europeias, uma jovem da secção cultural de *El Mundo*

* E. Subirats, autor de várias críticas aos intelectuais que apoiaram o PSOE e que teriam entrado em «euforia intelectual». (N. T.)